

Corrupções correntes

... Na Rua de São Bento, um antiquário coloca uma cadeira fora do passeio, mas não para ver passar os deputados. Põe-na ali como um sinal de ocupação, para desiludir qualquer cidadão de arrumar o carro naquele lugar.

Este princípio do «lugar cativo» enlouquece o comerciante da cidade. Nas travessas do Bairro Alto, no Intendente e por todas as ruas do nosso desespero tropeçamos em tábuas e tijolos, em contentores do lixo ou em montinhos de terra eternamente preservados para impedir que um automobilista comum se atreva a ocupar o espaçozinho abusivamente interditado. Alguns engenhosos dispõem até de armações de ferro construídas para o efeito.

Estes santuários privados dão por vezes lutas de rua. É que são vorazes no seu expansionismo. Podem transformar uma ruazinha aprazível como a Nova do Loureiro num parque particular de camiões em manobras que se mantém intocável há mais de

quinze anos. E isso porque ali os fumos de uma fábrica de torrefacção deleitam a pituitária da Polícia e abafam os protestos dos moradores.

Numa altura em que a CML esbraceja em desespero para reabilitar a cidade, a paisagem das corrupções continua intocável. Há alianças de subentendidos que os entendidos desconhecem (ou fazem por desconhecer) e que o comércio de porta aberta pratica à meia porta para glória dos dividendos.

Ainda agora, algures, no Porto, parece que a corrupção na PSP mostrou claramente a face. Os altos comandos apressaram-se a prometer investigação implacável e anunciaram moralizações de urgência. Afirmam que está em mudança a imagem cívica do polícia mas o polícia passa adiante e deixa a imagem da cidade impecavelmente corrupta.



A MOSCA

José Cardoso Pires